

125 ANOS do Centro Cultural das Cortes / Casa Museu João Soares

AFONSO LOPES VIEIRA: O ESTETA ASSUMIDO

Roteiro da exposição "O ano de todas as comemorações. 1878-2003"

Cristina Nobre

O GENE LITERÁRIO (1878-1946)

A vida dum artista é sempre interessante, — porq. é sempre uma luta com o impossível.

Notas Diversas, I, frag. 112

A experiencia dos velhos é, apenas, a cristalização do preconceito dominante ao tempo da sua idade plena. Ninguém pode armazenar experiencia, pela razão simples de q. ninguém consegue paralizar a vida.

Notas Diversas, I, frag. 152

O homem mais inteligente, mas q. não tem sentimento estético, é um estúpido.

Notas Diversas, III, frag. 74

Desde menino que a vocação literária de Afonso Lopes Vieira se manifestou. Nascido em Leiria, numa família com largas tradições intelectuais - o tio-avô, António Xavier Rodrigues Cordeiro, tinha sido um dos nomes prestigiados do Romantismo português, colaborador de *O Trovador* e diretor do *Novo Almanaque de Lembranças*; o pai, Afonso Xavier Lopes Vieira, eminente advogado, foi diretor do semanário *O Districto de Leiria* - a educação sentimental do futuro poeta muito terá ficado a dever à sensibilidade de sua mãe, Mariana Lopes Vieira. Ao longo de toda a vida, na casa das Cortes, encontrará a reserva de sabedoria clássica ligada à livraria do tio, que herdará e legará à cidade de Leiria, constituindo atualmente o núcleo mais valioso da Biblioteca Municipal de Leiria.

Nas férias grandes, em S. Pedro de Moel, faz as primeiras tentativas poéticas, e esboça o sonho de um primeiro livro, intitulado *Sete-Estrêlo*, que nunca chega a publicar. Compõe uns jornalinhos manuscritos, com as informações do dia-a-dia e poemas selecionados, que distribui entre os poucos veraneantes. Estudante de Direito em Coimbra, publica os primeiros livros de poesia e é reconhecido entre os intelectuais da sua geração. *Para Quê?*, de 1897 e *Naúfrago. Versos Lusitanos*, do ano seguinte, são devedores de uma poética decadentista, melancólica herdeira do Romantismo, como o soneto epigonal do livro primogénito bem documenta:

PARA QUÊ?

*Como quem pára ao fim d'uma jornada,
Extenuado, exangue, e foi deixando
O seu sangue no pó da imensa estrada
Por onde vinha, há muito, caminhando...*

*E sua vista, de chorar quebrada,
Ao caminho que andou a vai botando,
E reconhece enfim que andou p'ra nada
E para nada foi que andou penando...*

*Assim eu, que gastei o sentimento
Pus nua a alma e escrevi com sangue
O que em meus olhos a tua alma lê,*

*Pergunto ao fim do áspero tormento:
-Alma que vais perdida e vais exangue,
P'ra que choraste e andaste... para quê?*

Esta fase coimbrã prossegue ainda com *O Meu Adeus*, de 1900 e *O Poeta Saudade*, de 1901, mas rapidamente o jovem poeta caminha através de mais inovadoras poéticas, onde a veia anarquista, rapidamente substituída pela panteísta, mostra um escritor à procura de um lugar próprio para a individualidade da sua voz.

Ar Livre, de 1906, é talvez um dos mais originais livros de poesia de Afonso Lopes Vieira, mas foi também aquele que mais problemas causou ao seu autor, por julgar este livro uma exceção no corpo da sua obra poética. *O Pão e as Rosas*, de 1908 e *Rosas Bravas*, de 1911, aproximam-se dum *franciscanismo* panteísta, muito do agrado de Afonso Lopes Vieira, que culminará no livro mais conhecido: *Canções do Vento e do Sol*, de 1911. As ressonâncias simbolistas começavam a insinuar-se nesta fase em que as relações entre a escrita e a música são inauguradas com a célebre balada *Dança do Vento*:

*O vento é bom bailador,
baila, baila e assobia,
baila, baila e rodopia
e tudo baila em redor! (...)*

Com *Poesias sobre as Cenas Infantis de Schumann*, de 1915, *Ilhas de Bruma*, de 1917, *Canções de Saudade e Amor*, de 1918, *País Lilás*, *Desterro Azul*, de 1922, Afonso Lopes Vieira entrava definitivamente no cânone literário da sua época como um dos consagrados.

A partir de 1927 julga terminada a sua obra poética com a antologia *Versos de Afonso Lopes Vieira*, e passa a dedicar-se à prosa, ao registo ensaístico e à restituição de algumas obras-primas da literatura portuguesa, mas o seu destino poético não estava ainda concluído. Em 1940 escreverá o último livro de poesia, *Onde a terra se acaba e o mar começa*, reconhecido pela crítica como o mais original e criativo entre todos.

Nesse livro, Afonso Lopes Vieira assume uma voz mais individual, liberta dos preceitos do romanceiro tradicional e em claro diálogo com as circunstâncias de um tempo que era o seu. Leia-se, como exemplo dessa modernidade tardia, o *Cantar 4*:

*O poeta português
que não passar ao menos uma vez
pelas prisões,
não será digno aluno de Camões.*

*Senhores carcereiros
desta terra que o sol tanto alumia,
sois musas e parceiros
da nossa Poesia.*

*E não é em verdade
portuguesa a saudade
que não tiver também Virilidade.*

Afonso Lopes Vieira havia de escrever ainda umas polémicas *Éclogas de Agora*, em 1935, que jazeram durante muito tempo escondidas da Censura na casa das Cortes. Nesse período, e até ao fim da sua vida, em 1946, o seu distanciamento do regime salazarista foi uma constante, tendo alinhado ao lado dos "homens livres", fazendo parte do grupo de intelectuais conhecido por *Grupo da Biblioteca Nacional*.

Muito mais do que um poeta epocal, atento a todas as manifestações artísticas do seu tempo, Afonso Lopes Vieira ocupou um lugar central na vida cultural portuguesa dos últimos anos do século XIX e primeira metade do século XX.

O FOTÓGRAFO FOTOGRAFADO

O homem é a única paisagem.

Notas Diversas, I, frag. 144

A minha imaginação, poderosa, é toda *visual*, quer dizer: nunca uma ideia deixa de tomar forma, num corpo próprio, q. a mh^a. imaginativa lhe empresta. Um simples nome de cidade ou de rua.

Notas Diversas, I, frag. 66

Figura marcante de esteta assumido, foi abundantemente retratado por alguns dos artistas proeminentes do seu tempo (Columbano, Adriano Sousa Lopes, António Carneiro, Eduardo Malta), num sinal evidente de memória perpetuada. A popularidade da sua figura poderia medir-se também através do grande número de caricaturas do poeta Afonso Lopes Vieira presentes na imprensa periódica da época. Todas as obras do poeta, conferências ou manifestações culturais que contassem com a presença de Afonso Lopes Vieira foram profusamente noticiadas, comentadas e criticadas nos jornais e revistas da época, acompanhadas com registos fotográficos do escritor em primeiro plano.

Com uma visão entranhadamente estética, Afonso Lopes Vieira foi dos primeiros a interessar-se pela fotografia como possibilidade artística. Em 1909 escreve um artigo sobre fotografia para a *Ilustração Portuguesa*, com reprodução de clichés do autor e dedica-se também à técnica da revelação num improvisado laboratório na casa de S. Pedro de Moel. Algumas das suas fotografias artísticas, que permaneceram inéditas durante tanto tempo, têm sido ultimamente divulgadas, num esforço claro de devolver ao escritor uma fatia de modernidade estética que foi sua.

A paisagem marítima de S. Pedro de Moel, maioritariamente, mas também alguns recortes campestres de Cortes e arredores de Leiria, foram alguns dos motivos fotográficos aproveitados pelo olhar fotográfico de Lopes Vieira, numa reação emocional à paisagem que o envolvia.

Uma das figuras mais retratadas do fim do século XIX e primeira metade do século XX, numa óbvia demonstração do destaque alcançado por Afonso Lopes Vieira no meio cultural português da época, foi ele próprio um dos primeiros a reconhecer a importância artística da fotografia.

MARINHEIRO EM TERRA

Fui o marinheiro condenado a viver em casa, — com perpetuas saudades do Longe e do luar —

Bloco de Notas 1, frag. 10

Ouve-se o mar rolando o seu grande Canto.
Ó delícia a beleza de ouvir e ver o mar!...

Notas Diversas, VI, frag. 13

Na casa de S. Pedro pôde fazer-se às vezes a balada do rei de Tule, — atirar a Taça ao mar!

Notas Diversas, VI, frag. 90

A casa de S. Pedro de Moel, presente de casamento do pai de Afonso Lopes Vieira, foi o local de criação preferido do escritor. Um número considerável das suas obras foi concebido, planeado, esboçado e escrito na varanda da casa-nau.

Um grande número de personalidades ilustres da época foram visita desta casa e chegaram mesmo a refugiar-se nela para as suas criações pessoais. Nomes como os de Leonor e Augusto de Castro Guedes Rosa, Virgínia Vitorino, Matilde Bensaúde, Aquilino Ribeiro, Vitorino Nemésio, Viana da Mota, Reinaldo dos Santos, José de Figueiredo, José Maria Rodrigues, Ivo Castro, entre muitos outros, contam-se entre alguns dos que usufruíram da hospitalidade marítima. O poeta chegou mesmo a comparar a serenidade própria do lugar a um sanatório de almas, através de uma cura de *contemploterapia*.

Grande parte da intensa correspondência que manteve com a *inteligentzia* do seu tempo foi endereçada de S. Pedro de Moel, e contém variadas e profundas referências a este espaço mítico da sua criação poética.

Mais ainda do que a composição de abertura de *Ilhas de Bruma*, "Numa casa que está rezando ao Mar", é o poema inicial de *Onde a terra se acaba e o mar começa* que verdadeiramente homenageia esta casa como o mítico local criativo e escatológico, onde a vida e a escrita de um homem se cumpriu:

*Onde a terra se acaba e o mar começa
é Portugal;
simples pretexto para o litoral,
verde nau que ao mar largo se arremessa.*

*Onde a terra se acaba e o mar começa
a Estremadura está,
com o Verde pino que em glória floresta,
mosteiros, castelos, tanta pátria ali há!*

*Onde a terra se acaba e o mar começa
há uma casa onde amei, sonhei, sofri;
encheu-se-me de brancas a cabeça
e, debruçado para o mar, envelheci...*

*Onde a terra se acaba e o mar começa
é a bruma, a ilha que o Desejo tem;
e ouço nos búzios, té que o som esmoreça,
novas da minha pátria - além, além!...*

Na varanda da casa, mais propriamente no divã *tumular* (assim lhe chamava o poeta), terá Afonso Lopes Vieira encontrado o ambiente inspirador para a sua poesia, sobretudo a poesia de raiz marítima, aquela em que o mar pulsou no ritmo do seu sangue. Mas também muito do trabalho disciplinado e de investigação trabalhosa, como o que dedicou à restituição de *O Romance de Amadis*, de 1922; à *Diana de Jorge de Montemor*, de 1924; à edição nacional de *Os Lusíadas*, de 1928, em conjunto com José Maria Rodrigues ou à *Lírica de Camões*, de 1932, teve como cenário quotidiano a casa de S. Pedro. Alguns desses momentos criativos foram inclusivamente registados pelo escritor, em placas comemorativas incrustadas nas paredes da casa, num simbólico gesto de ligar a criação ao lugar criador, simbiose perfeita de assumido esteta.

Não será de estranhar que a casa-nau, berço de literatura e proteção das tempestades ocasionais da vida do escritor, apareça escatologicamente ligada aos momentos de maior desânimo e desespero, como no 13.^o *Cantar dos Búzios*:

*Casa Catrineta,
desprende-te enfim do chão,
entra-me pelo mar
e lá ao largo vai naufragar
para ir ao fundo com o meu coração!*

*Oh! não poder arrancar-te do chão!
E, gageiro, embarcar
em ti, meter-te ao mar
para ir naufragar,
para ir ao fundo com o meu coração!...*

Marinheiro em terra, o busto de Afonso Lopes Vieira, da autoria de mestre Joaquim Correia, ficou a olhar pela eternidade a casa e o mar de S. Pedro de Moel, numa simulação do naufrágio do poeta...

O HOMEM FRUGAL

Os objectos do nosso uso, ganham uma personalidade e a gente ama-os. Eu não escrevo bem senão na minha mesa, e rodeado dos meus amigos nadas q. a povôam.

Notas Diversas, II, frag. 41

Educação das crianças — os 3 *bolos* mordidos
Ah! Meu Deus! para q. me castigou minha mãe? Eu hoje não morderei; sou bastante hipócrita p^a. não morder os bolos, mesmo q. de elles haja grande apetite...

Notas Diversas, III, frag. 40

Afonso Lopes Vieira escrevia pela noite dentro e almoçava tarde, muitas vezes na livraria, num tabuleiro frugal, para não interromper o trabalho criativo. Quando se sentava à mesa, acompanhado de um livro, o poeta rodeava-se de objetos que lhe pertenciam e dos quais sentia saudades por antecipação: a mobília alentejana, presente de casamento dos pais; o serviço de copos e o descanso dos talheres vindos da Fábrica Stephens e apelidado com o nome de Afonso Lopes Vieira; o serviço inglês de porcelana há muito pertença da família. Pouco comia, mas não abandonava nunca a substância da leitura.

Esta frugalidade não impediu nunca o escritor de granjear fama de bem receber em sua casa e à sua mesa. Os domingos à tarde, dia em que recebia na casa do Largo da Rosa, em Lisboa, tornaram-se célebres entre os intelectuais da época, e foi à volta de uma mesa preparada com esmero pela esposa do escritor, Helena de Aboim Lopes Vieira, que alguma da emergente geração de literatos fez a sua entrada no mundo da literatura.

Nos seus registos diarísticos ainda inéditos, alude a um episódio marcante da infância, quando a sua voracidade de criança o terá feito morder três dos bolos que lhe ofereciam num prato... Nunca mais esqueceu o episódio, associando-o, no entanto, à hipocrisia inevitável do mundo adulto em oposição à ingenuidade inocente do mundo infantil. Terá a repreensão educativa da mãe condicionado o apetite sóbrio do futuro homem? Ou dedicar-se-ia a brincar com o pecado da gula dos outros o, por essência, parcimonioso e delicado homem?

ESCREVER COMO QUEM RESPIRA

Escrever não é mais que falar, no papel. Escrever é falar-se no papel.

Notas Diversas, II, frag. 29

Ha homens q. tratam de arte, e q. realmente della se ocupam toda a vida. Mas tão mal tratam tudo em q. tocam, q. acho para esses esta imagem: rinocerontes num jardim.

Notas Diversas, VI, frag. 240

Escrever foi um ato de respiração essencial a Afonso Lopes Vieira.

Toda a sua vida, desde a meninice aos últimos anos, foi condicionada pela atividade intelectual e pelos exercícios artísticos, numa visão estética fundamental e fundacional da obra do escritor. Escrevia quase sempre na mesma cadeira ou poltrona, sobre os joelhos, numa tabuinha dourada. Uma parte dos manuscritos inéditos do escritor encontrava-se no baú de charão vermelho, incorporado no espólio da Biblioteca Municipal de Leiria.

Grande parte dos manuscritos de Afonso Lopes Vieira tem um manifesto interesse literário. Nalguns casos são esboços, planos, anotações diversas destinadas a futuras obras, que nunca chegaram a ser escritas, mas cuja forma embrionária em nada empobrece a qualidade da escrita. Seis desses cadernos sem título formam um conjunto harmonioso, que julgamos próximo do registo diarístico (embora com manifesta ausência de datação precisa) e que apelidámos *Notas Diversas*. Uma parte dos fragmentos aí presentes destinava-se à obra poética e pode encontrar-se a sua metamorfose nas poesias publicadas; outra parte funcionava como primeiro rascunho de pensamentos ou de ensaios ideais e pode entrever-se nos dois volumes de ensaios publicados: *Em demanda do Graal*, de 1922 e *Nova demanda do Graal*, de 1942; um número considerável de fragmentos permaneceram inéditos, tal como a obra *Jornal dum Poeta* a que se destinavam. Mais do que cemitérios de ideias, estes fragmentos rasgam uma janela sobre a *oficina de escrita* de Afonso Lopes Vieira, deixando entrever como a voz da sua intimidade foi muito mais moderna do que a sua obra construída e retocada ao milímetro alguma vez permitiu suspeitar.

NARCISO PERFEITO

A harmonia é a graça da proporção.

Notas Diversas, IV, frag. 15

Tudo q. é feio me adocece,
tudo q. é belo faz-me bem a mim.
Eu sou assim. Sim, mas parece,
q. é escandaloso ser-se assim!

Notas Diversas, VI, frag. 328

Não sou mais nem menos. Sou diferente.

Notas Diversas, VI, frag. 339

Afonso Lopes Vieira cuidava a sua imagem pessoal como mais uma das suas obras definitivas. A maneira impecável de vestir, o rigor do monóculo, o aprumo da bengala ou das polainas, que teimava em continuar a usar mesmo quando já tinham passado de moda, tornou-o numa figura pública facilmente caricaturável. A moda da camisa de pescador, inaugurada por Afonso Lopes Vieira e perpetuada no conhecido retrato de Eduardo Malta, ficará como imagem de marca do aristocrata popular que o escritor quis, eternamente, permanecer.

No entanto, a imagem de distanciamento que pode ler-se na construção de um autorretrato tão perfeito quanto narcísico, pode revelar-se enganadora. Afonso Lopes Vieira convivia e fazia amigos entre homens de todas as classes sociais. É conhecida a sua amizade com a Sr.^a Maria Laranjo, da praia da Nazaré, imortalizada num poema de *Onde a terra se acaba e o mar começa* e numa belíssima fotografia. Mais do que um poeta popular conquistou a sua simpatia e teve a honra de ser prefaciado pelo escritor. Lourenço Chaves de Almeida, distinto ferreiro de Coimbra, foi descoberto e lançado no mundo artístico por Lopes Vieira. O poeta prezava nos outros justamente aquilo que prezava em si mesmo: a diferença estética.

O ANÓNIMO *SERVITAS DO AVÉ*

(Uma mulher) tema a bondade de uma santa q. em certos dias não acreditasse em Deus.

Notas Diversas, VI, frag. 129

O q. a mulher quer, Deus o quer
e Deus o quer dobradamente
porq. a mulher é mãe de Deus.
Heine

Notas Diversas, VI, frag. 276

Os dias q. se não passam sob o domínio da graça duma mulher, são dias vãos e pardos; e nunca se reconhece isto senão quando se ama. Então pergunta-se - como pude eu "sem isto" ver o sol, ver o mar...

Notas Diversas, VI, frag. 321

A relação de Afonso Lopes Vieira com a religião não foi constante nem retilínea. Nos verdes anos da juventude declarou-se ateu, com afirmações esporádicas de anarquismo, salpicadas

da herança positivista da venerada Geração de 70. No largo período do seu amadurecimento como homem e como escritor, aprendeu a respeitar a fé da mulher, D. Maria Helena de Aboim, e reconheceu o milagre do sol, avistado da varanda da Casa de S. Pedro de Moel, com a inauguração de uma capelinha dedicada a Nossa Senhora de Fátima, em 12 de Agosto de 1929. Para essa ocasião festiva, Afonso Lopes Vieira escreve o "Ave" de Fátima, assinando apenas *um servitas*. A estátua de N. Sr.^a de Fátima que ainda hoje adorna a rosácea da capela da casa de S. Pedro de Moel - com o altar virado a poente - foi esculpida por um canteiro da região de Porto de Mós.

Humilde como Francisco de Assis, Afonso Lopes Vieira afirmou publicamente a sua fé, servindo os outros e metamorfoseando a sua voz com a religiosidade do povo português. Apesar disso, por cada degrau devassado da intimidade do poeta, há um muro de perplexidades erguido. Porventura, a única maneira segura de conhecer a enigmática figura de Afonso Lopes Vieira é lê-lo de novo, e vê-lo pela primeira vez à luz de uma modernidade que brilha na sua obra inédita, e de um classicismo que perdura na sua obra publicada em vida.

Só a memória da literatura nos poderá devolver o íntimo coração dos poetas.